

DUAS VIDAS...

16 de Set, 1945

Fernando era um rapaz inteligente. Sem esforço de maior, fez um curso distinto. Professores e companheiros festejaram-no pela carreira fácil que se lhe abria a seus pés.

E Fernando entrou na vida com alma, porque ambicionava ser um homem. A vida, de facto, acolheu-o sorrindo. Depressa o seu talento se distinguiu entre os demais, abrindo-se-lhe as portas da sociedade, de par em par.

O seu primeiro artigo numa revista científica causou sensação: — Este rapaz é um autêntico valor. Há que ajudá-lo, pensaram os melhores. E ajudaram-no, aplaudiram-no, abraçaram-no.

Um dia, muito sorrateiramente, entrou-lhe na alma o orgulho. E era vê-lo, embevecido na contemplação de si mesmo: tu és um portento, um dos maiores valores da tua geração! Que imensas possibilidades de triunfo! Há-de ser rico, poderoso, admirado por toda a gente. Não vês como brilha a tua inteligência, como o teu saber se impõe? Rapaz de «élite», a tua vida será bela, cheia de amor e de felicidade...

O pobrezito não soube resistir à tentação. Embalado nos sonhos dourados da sua louca imaginação, concluiu que a primeira coisa a fazer era ganhar dinheiro e ser rico. O resto viria por acréscimo.

E dirigiu os seus primeiros passos de ambicioso para o país das riquezas. Começou por casar rico e acabou por homem de negócios. Agora, sim, que podia gozar da vida à altura do seu grande valor.

Não voltou a escrever em revistas, nem a comprar os melhores livros da sua especialidade. Para quê, se já sabia tudo, e o estudo não faz telintar o oiro, ao fim do mês? E depois, que jugo insuportável passar as noites a queimar as pestanas! Isso é bom para os de segunda plana. Um talento como o seu, dá-lhe bem direito a gozar da vida. E as tardes e as noites e as madrugadas, passa-as nos cafés, nos cinemas, nos «dancings» a gozar da vida, enquanto é novo...

Talento de escol, perdido na banalidade do vício! Hoje já não é um valor, senão para as casas de perdição, que muito lucraram com ele, e o adulam e aplaudem, para o prender mais e mais às noitadas rendosas dos seus estabelecimentos.

As «élites»!... Ser da «élite» é uma responsabilidade, uma dura missão. Este, como tantos outros, julgaram que ser da «élite» era possuir livre-transito. Tornaram os dons que Deus lhes deu como um direito. Esqueceram que eram sobretudo um dever.

Como se podem aplicar a esses pobres falidos as palavras severas de Cristo: *«se o sal não salgar, não serve para mais nada, senão para ser deitado fora, e calcado aos pés pelos homens».*

Jorge também é uma inteligência. Funcionário público, no início da sua carreira, sentiu verdadeiramente o peso do seu talento. Estudou, para melhor cumprir. Trabalhou, para dar exemplo.

Não casou rico, mas viu enriquecer-se o seu lar com uma boa dezena de encantadoras crianças. Como não chegava o seu ordenado, mediu as horas da noite, contou as horas do dia, e dispôs-se ao sacrifício do seu descanso para alegria do seu lar.

Talentoso, como é, não lhe foi difícil encontrar ocupação suplementar. Ganha o suficiente mas vive com privações.

Os seus subordinados admiram-no e colaboram com amor, porque a chama da dedicação que lhe arde no peito soube-a comunicar aos que servem com ele. Fez escola. É verdadeiramente um chefe. Não apenas chefe modelar de uma virtuosa e simpática família, mas chefe de um grupo de distintos funcionários, para quem não há horário de trabalho. E, sem querer, nem sequer o suspeitar, vai-se tornando chefe de muitos, que nem sequer o conhecem. É que o seu nome, a integridade do seu carácter, o exemplo da sua dedicação e da sua vida impoluta começam a ser lendários. Fala-se dele, com respeito e com aplauso. Aponta-se como um exemplo.

Este prestígio não passou despercebido a um grande homem de negócios, que pensou de si para si: — se eu tivesse na minha casa um chefe desta força, seria o melhor negócio da minha vida.

E o homem prático como é, mandou-lhe sedutora proposta.

Jorge ficou estonteado! Dez filhos a educar, o futuro a prever, não valeria a pena abandonar o seu posto, onde tinha o coração e a alma, e aceitar a proposta que lhe ia dar uma vida fácil, sem cuidados, nem preocupações?

E começou de não dormir. Por um lado, isto, por outro aquilo, a sua consciência foi pesando, um a um, os prós e os contras.

E, um dia, decidiu-se: não aceito! Passados meses, bate-lhe à porta. A conversa orientou-se no sentido de sejado.

—Porque motivo não aceitou, com tantos filhos...

—Olhe! tinha o coração muito preso ao meu lugar...

—Mas... o coração pôe-se de lado... insisti, convencido de que haveria outra razão, que eu desejava conhecer.

E veio então a confissão verdadeira:

—É que, ao ver que iria passar de uma vida de sacrifício e de privações, para uma outra vida fácil, tive medo de perder a minha alma... Prefiro ficar onde estou!

*

Fernando poderia ter sido uma luz, um farol, uma espada, um chefe. Poderia ter sido alguém. Não passa de alguma coisa... Sal que não salga... por ter considerado a «élite» como um direito.

Jorge, na sua imensa simplicidade, na sua vida de trabalhador, é sal que salga, luz que alumia, espada de justiça brandida em defesa dos fracos. Fez-se, por si próprio, verdadeiramente um Chefe. Este considerou a «élite» como um dever.

E bem pesado dever é este de pertencer a uma «élite»...